

A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

THE HUNTING AND THE KAIOWÁ HUNTERS OF THE PIRAKUA VILLAGE: A REFLECTION FROM THE PERSPECTIVE OF ETHNOBIOLOGY

Inair Gomes Lopes¹; Laura Jane Gislotti^{2*}

Resumo:

O presente artigo apresenta os saberes tradicionais e as práticas culturais associadas à atividade da caça desenvolvida pelo povo Kaiowá da aldeia Pirakua, município de Bela Vista, Mato Grosso do Sul. O texto se desenvolve a partir de uma perspectiva etnográfica e a metodologia de pesquisa se pautou na participação observante, aliada à técnica de entrevistas abertas, onde foram registrados aspectos relativos às práticas de caça, as cosmologias, os rituais e o processo de formação dos caçadores, a partir dos princípios da cultura Kaiowá. A caça representa papel vital na soberania e segurança alimentar das famílias indígenas, sendo o *kurei* (cateto) (*Dicotyles tajacu*) o animal mais comum de caça e a carne de *mborevi* (anta) (*Tapirus terrestris*) a favorita, tanto para a alimentação no dia-a-dia como para as festas e rituais. É importante considerar que a caça representa um universo que envolve questões de ordem material e simbólica, de forma que processos de recepção e compartilhamento de conhecimento ocorrem entre as gerações, sendo de fundamental importância na cultura e na vida do povo Kaiowá.

Palavras-chave: Alimentação tradicional; Cosmovisão; Indígena; Soberania alimentar.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade; Faculdade Intercultural Indígena; Universidade Federal da Grande Dourados; Rodovia Dourados/Itahum, km 12, Cidade Universitária, Dourados, MS – Brasil.

² Faculdade Intercultural Indígena; Universidade Federal da Grande Dourados; Rodovia Dourados/Itahum, km 12, Cidade Universitária, Dourados, MS – Brasil. *lauragislotti@gmail.com

Abstract:

This paper presents the traditional knowledge and cultural practices associated with the hunting activity developed by the Kaiowá people from the Pirakua village, municipality of Bela Vista, Mato Grosso do Sul. The study is developed from an ethnographic perspective and the research methods based on on observant participation, combined with the technique of open interviews where aspects related to hunting practices, cosmologies, rituals and the process of training hunters, based on the principles of Kaiowá culture. Hunting plays a vital role in the sovereignty and food security of indigenous families, with the *kurei* (catheto) (*Dicotyles tajacu*) being the most common hunting animal and *mborevi* (tair) (*Tapirus terrestris*) the favorite, both for food in everyday life as well as for festivals and rituals. It is important to consider that hunting represents a universe that involves material and symbolic issues, so that processes of reception and transmission of knowledge occur between generations, being of fundamental importance in the culture and life of the Kaiowá people.

Keywords: Traditional food; Cosmovision; Indigenous; Food sovereignty.

1. Introdução

Os Guarani são falantes da língua guarani, pertencente ao tronco linguístico tupi-guarani, com variações étnico-culturais. No Brasil encontram-se fortalecidos três povos: Guarani Ñandeva, Guarani Mby'a e Guarani Kaiowá, sendo esta pesquisa referente à estes últimos. No estado de Mato Grosso do Sul, a população Kaiowá e Guarani é de aproximadamente 50 mil indivíduos e está distribuída em oito reservas, além de quatorze terras indígenas, totalizando 22 áreas indígenas. Além dessas áreas, atualmente, inúmeros territórios passam por processo de retomada de seus territórios ancestrais (PEREIRA, 2016).

O objetivo desta pesquisa foi descrever o conhecimento tradicional, os aspectos cosmológicos, os rituais e a constituição do caçador Kaiowá, ressaltando o papel da caça na vida e alimentação das famílias da aldeia Pirakuá. A caça, enquanto atividade humana produtiva para os povos indígenas, configura-se como uma das práticas mais importantes, pois demarca a identidade, ao mesmo tempo que promove a garantia da segurança e soberania alimentar das comunidades (BECHELANY, 2017).

Nesse sentido, apresentamos a identidade do caçador Kaiowá, sublinhando as particularidades culturais para tornar-se um caçador. Como a caça constitui um elemento importante da cultura alimentar dos Kaiowá, e como a situação de insegurança socio-territorial tencionou e, muitas vezes impossibilitou essa atividade, fez-se importante nesta pesquisa descrever os tipos de animais consumidos e quais são os fatores, cosmológicos, culturais e ambientais, que determinam e interferem nessa atividade tão vital para o fortalecimento do modelo de organização social e do modo de vida desse povo.

81 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

É fato que a utilização da fauna silvestre para subsistência tem importância fundamental na manutenção de comunidades indígenas de diferentes áreas tropicais, principalmente as que vivem em locais isolados. A carne de animais silvestres apresenta um alto teor proteico se comparado a outros alimentos também ingeridos por essas comunidades tradicionais (PERES 2000; MILMER-GULLAND e BENNETT 2003).

Pesquisas sobre caça estão presentes nas mais clássicas etnografias e auxiliaram na interpretação de diversas teorias antropológicas e sociais, como por exemplo o perspectivismo que diz respeito ao peso cosmológico conferido à predação cinegética, à subjetivação espiritual dos animais e à teoria de que o universo é povoado de intencionalidades extra-humanas dotadas de perspectivas próprias (VIVEIROS de CASTRO, 1996).

Outros estudos sobre as atividades cinegéticas trouxeram discussões relevantes para a interpretação de mundo dos Makú, um povo caçador habitante da fronteira entre Colômbia e Brasil, de forma que para esse povo, a caça se mostra como sendo uma atividade de vital importância, onde os homens dedicam todo o seu tempo e sua energia na caçada e só se preocupam com a pesca ao voltarem de uma caçada ruim (SILVERWOOD-COPE, 1990).

Trabalhos que se dispõem a se debruçar sobre o universo cosmológico da caça entre povos tradicionais tem se tornado um campo importante de pesquisas na área etnobiológica. Um estudo junto a ribeirinhos da Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio, no Estado do Pará, demonstrou que a caça está repleta de elementos simbólicos, saberes, e se organiza a partir de regras e condicionantes, cuja clássica dissociação cultura e natureza não se faz presente (BARROS, 2017). Outro estudo de relevância discutiu sobre os usos e os padrões de caça em comunidades rurais da Península de Yucatan, no México, demonstrando aspectos espirituais e cosmológicos (SANTOS-FITA *et al.*, 2012).

Ainda sobre a etnografia da caça, outro trabalho interessante nesse âmbito foi desenvolvido junto ao povo Panará, abordando diversos aspectos do universo da caça, como as relações entre a caça, as relações de gênero e a produção do parentesco; a constituição do corpo e as formas masculinas; a relação com seres não humanos; as formas do movimento que a caça provoca; e a gênese do caçador na relação com a arma e os animais caçados (BEHELANY, 2017).

Desta forma, a possibilidade de aprender com os conhecimentos indígenas é de fundamental importância para a construção de uma nova consciência humana, baseada no respeito e no apoio mútuo entre as diversas culturas. Sincronicamente, uma parte importante da humanidade, que desconfia do desenvolvimento tecnológico, busca nas formas e nos saberes tradicionais de vivência dos povos indígenas, conhecimentos e saberes construídos a partir de outras interpretações do mundo (MUÑOZ *et al.*, 2003).

De fato, parte significativa dos desafios que os povos indígenas do Brasil enfrentam hoje tem sua origem na imposição do modelo ocidental e colonial de desenvolvimento, que é altamente excludente, concentrador e exterminador da natureza. Assim, a perda dos territórios e a destruição das riquezas naturais, mediante a imposição do agronegócio, comprometeu as bases da economia Kaiowá destruindo progressivamente

82 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

os sistemas de auto-sustentação e instaurando, dessa forma, um processo ininterrupto de empobrecimento nessas comunidades (BENITES *et al.*, 2021).

Os conhecimentos ou saberes tradicionais produzidos e compartilhados por comunidades locais, indígenas ou não, incluem, certamente, as técnicas de manejo de riquezas naturais, conhecimentos sobre ecossistemas, sobre relações bióticas e abióticas (PEREIRA e SCHIAVETTI, 2010). Além disso, incluem, especialmente, o místico, o mágico, o ritual e o simbólico. Assim, fazem parte do saber indígena diferentes estratégias e atitudes como as de saber cuidar da natureza, a qual é tarefa não somente humana, mas que compete, também, aos “donos” dos animais e das plantas, que se ocupam de vigiar para que nada se altere na ordem natural da vida no planeta Terra (BRAND, 2001; MUÑOZ *et al.*, 2003).

Esses conhecimentos ancestrais são construídos a partir da dinâmica da reciprocidade, portanto não tem como objetivo dominar e explorar as riquezas naturais na perspectiva visualizada pelo não indígena, mas sim, compreender cada vez melhor a relação e os processos de comunicação entre as diversas realidades. Dessa maneira, a principal característica dos conhecimentos tradicionais não se refere sobre seu conteúdo ou antiguidade, mas a forma como estes são pensados, construídos, produzidos e atualizados, sendo um processo coletivo e cumulativo presente no cotidiano desses povos (GALLOIS, 2005).

Nesse contexto, o tradicional tem relação mais próxima à forma específica de sua construção do que ao seu conteúdo. Assim, o que faz um grupo social ser caracterizado como tradicional é seu modo de vida baseado nas relações que estabelece com os outros, incluindo nesses outros os outros seres humanos, todo o restante da natureza e o sobrenatural (CUNHA, 1999, 2012). Por esse ponto de vista, compartilhar conhecimentos e saberes entre a ciência ocidental e o conhecimento de comunidades tradicionais indígenas e não indígenas sobre o meio ambiente é uma área das Ciências que vem chamando atenção dos interessados na construção do conhecimento diverso e não homogêneo, que deve incluir o universo representativo da humanidade.

Neste contexto, a Etnobiologia surge se definindo como um campo de pesquisa multi, trans e interdisciplinar, que investiga as diversas compreensões culturais que tangem a relação humano/natureza. Relacionando as diferentes maneiras em que o conhecimento sobre o mundo natural está organizado, a Etnobiologia oferece um tipo de relativismo pelo qual é possível reconhecer outros modelos de relação com a natureza, não necessariamente baseados no racionalismo e pragmatismo da ciência vigente branca, masculina e ocidental (PAVÃO *et al.*, 2020).

Outro fato relevante é que a Etnobiologia também tem o potencial de atuar como mediadora entre as diversas culturas ao assumir um papel dedicado à compreensão, apoio e respeito mútuo entre os povos e seus territórios (POSEY, 1987).

A vertente da Etnobiologia abordada nessa pesquisa se qualifica como Etnozoologia, que segundo Posey (1987), se ocupa a estudar a inserção dos animais e das atividades e eles relacionados, em uma dada cultura. Esta ciência busca compreender o fenômeno da interação entre os seres humanos e os animais, incluindo as atividades cinegéticas

83 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

(caça), perpassando aspectos tanto cognitivos quanto comportamentais, até os socioterritoriais (ALVES e SOUTO 2010).

Nesse cenário, a Etnozoologia passou a ser vista como sendo uma ferramenta bastante proveitosa no estudo das mudanças ambientais provocadas por fatores antropogênicos, como a diminuição e desaparecimento de espécies de animais, diminuição dos estoques de caça e introdução de espécies exóticas em determinados ambientes (PINTO et al., 2019). Além do mais, a Etnozoologia tem cooperado para que práticas de manejo e ações conservacionistas sejam baseadas na realidade social na qual a comunidade está inserida, visando manter a diversidade sociobiológica. Nessa perspectiva, esse estudo uniu esforços para se unir aos demais trabalhos da área de Etnobiologia pautados em uma perspectiva da "Etnobiologia da ação", "Etnobiologia socialmente situada" ou "Etnobiologia engajada" (TOMCHINSKY et al., 2019).

Assim, neste trabalho temos a seguinte finalidade: a reflexão acerca dos conhecimentos que a comunidade Kaiowá da aldeia Pirakua, da cidade de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, expressa sobre os animais de caça e a atividade cinegética. É uma análise, sob o ponto de vista sustentável, da etnoconservação, com a intenção de realizar um diálogo com a comunidade, a fim de discutir sobre qual o interesse destes sobre sua cultura e os ensinamentos adquiridos através de seus pais e avós sobre os animais de caça, sua forma de caçar, suas armas e armadilhas, o manejo da caça e sobre a soberania alimentar nesta comunidade.

2. Materiais e Métodos

Inicialmente é importante refletir sobre a cruzamento metodológico que perpassa esta pesquisa, apoiada em diversas metodologias e que para além disso, combina o olhar de uma pesquisadora Kaiowá, que nasceu e vive na área de estudo, com o olhar de uma pesquisadora não indígena, que tem vivenciado um processo de caminhada e aprendizado junto à resistência anticolonial e autônoma deste povo.

Nessa perspectiva, as etapas desse estudo percorreram essa metodologia colaborativa, intercultural crítica e participativa, incluindo a possibilidade de guiar todo o processo de coleta de dados na língua guarani-kaiowá. Nesse ponto, é importante destacar a potencialidade desse aspecto na autodeterminação intelectual, o que leva a frisar que o que se apresenta nessa pesquisa é a ascendência de trabalhos cuja produção intelectual tenha foco no compromisso para com seus coletivos e que reconheça o peso das circunstâncias históricas em sua obra.

Assim, como metodologia de pesquisa foi adotada a abordagem qualitativa e etnográfica procurando entender as representações socioculturais dos Kaiowá a respeito da caça e dos animais de caça.

Durante o estudo foi permitido pela comunidade realizar diálogos, obter imagens de algumas pessoas e atividades, assim como o registro na língua materna.

Assim, como abordagem metodológica foi utilizada a participação observante aliada à entrevista não-estruturada e à história oral temática, como método gerador de dados,

84 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

na qual se pede para o participante falar sobre o assunto pretendido, ou seja, os animais de caça e a atividade de caça na aldeia Pirakua.

A entrevista é um procedimento específico que perpassa cada aspecto da construção das narrativas, dando sentido e significação às experiências pensadas, vividas e sentidas. A prática das entrevistas está intimamente relacionada a um processamento de encontros e diálogos em que o entrevistador e o entrevistado, durante a entrevista, se reconhecem enquanto parceiros e colaboradores em um trabalho coletivo (POSEY, 1987).

A participação observante como ferramenta metodológica tem como foco o mergulho na vida das pessoas, ao permitir que as outras pessoas também mergulhem em vidas alheias. Contudo, a proposta dessa metodologia vai além das trocas pessoais e coletivas, assumindo a responsabilidade nesse mergulho, de forma a reconhecer que o compartilhamento de conhecimentos implica no compromisso e na aliança mútua para a construção de estratégias de resistência dos povos, diante das políticas discriminatórias e espoliadoras dos estados-nação dominantes (ALBERT, 2014). Em relação à história oral temática, se considerou essa metodologia adequada para os objetivos dessa pesquisa já que é uma metodologia voltada à experiência existencial daquele que narra (MEIHY, 2006).

Os participantes dessa pesquisa foram quatro lideranças tradicionais da aldeia Pirakua e a forma de seleção dos participantes se baseou na técnica bola de neve, onde foi possível identificar especialistas a partir da amostragem por cadeia de referências, possibilitando a identificação e recrutamento de atores sociais reconhecidos por seus pares em decorrência de seu papel de liderança na comunidade estudada (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010)

O trabalho de campo foi realizado no período compreendido entre abril de 2020 a junho de 2021. As entrevistas livres foram construídas com o intuito de estimular a memória biocultural, através do diálogo entre os conhecimentos tradicionais e ancestrais em relação à atividade cinegética.

As entrevistas foram gravadas pelo celular e os dados foram anotados em caderno de campo. As cópias digitais, contendo as imagens, áudios e vídeos produzidos por esse estudo foram entregues às lideranças da aldeia e sua divulgação será ampla, tanto do aspecto científico quanto do aspecto comunitário, podendo ainda requererem acesso, a qualquer tempo, sobre materiais e informações produzidas nesta pesquisa. Isto posto em observância aos direitos destes povos, à legislação concernente ao tema e ao compromisso ético entre pesquisadores e povos que colaboram neste intercâmbio científico.

Esta metodologia que respeita os povos, esquivando-se de abordagens etnocêntricas, está de acordo com o preconizado por Marques (2002) e Albuquerque *et al.* (2010), que versa sobre métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia e Etnoecologia, a partir da perspectiva ética.

2.1. Local de Estudo: Aldeia Pirakua: o buraco do peixe

A Aldeia Pirakua localiza-se na porção oeste do Estado do Mato Grosso do Sul, no município de Bela Vista e abriga uma área de 2.384 mil ha, com uma população de 537 habitantes (SIASI/SESAI, 2014) (Figura 1). Essa aldeia é composta basicamente por quatro regiões: Ponte, Palmeiras, Morro e Piri, de modo que cada uma das regiões apresenta características particulares na ocupação e na territorialização. A prática da caça e da pesca ainda é bastante utilizada na aldeia, complementando assim, a alimentação das famílias (PRADO, 2013).

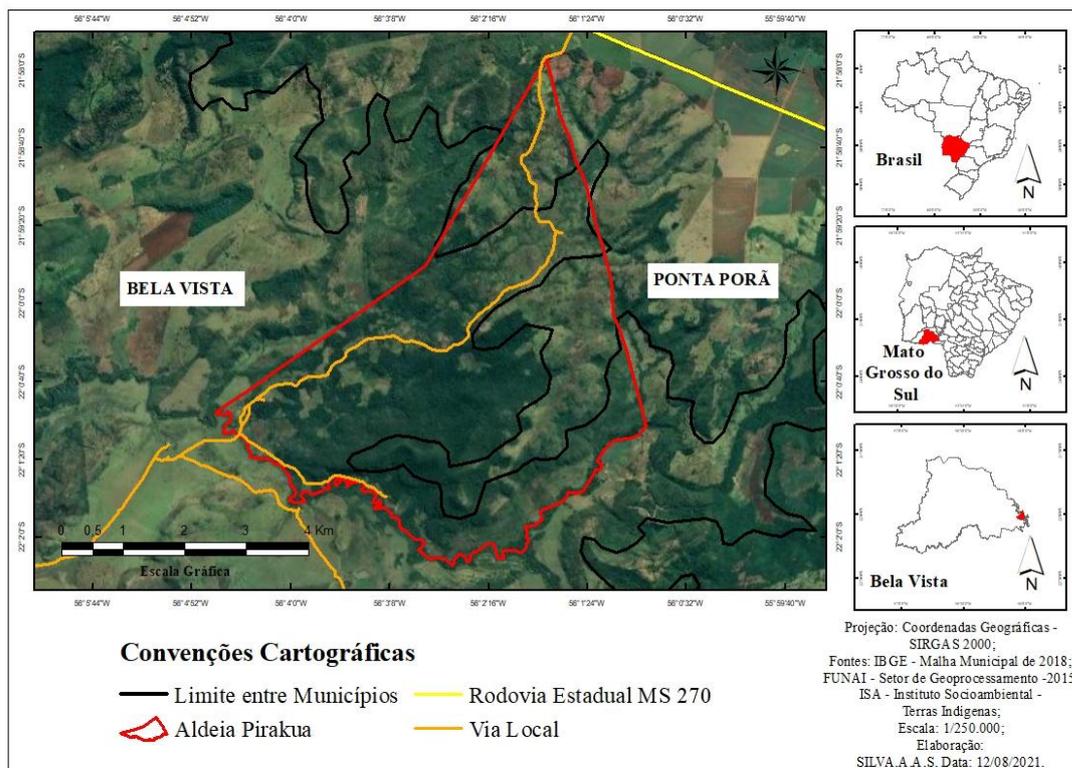


Figura 1: Localização da Aldeia Pirakua, no sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul.

Esse território, situado no município de Bela Vista, às margens do rio Apa, representa o extremo norte do território tradicional Kaiowá. Pirakua, pode ser interpretado como buraco do peixe e é um lugar sagrado e significativo, em uma região de montanhas e matas, povoado de natureza, biodiversidade e cosmologia (Figura 2).

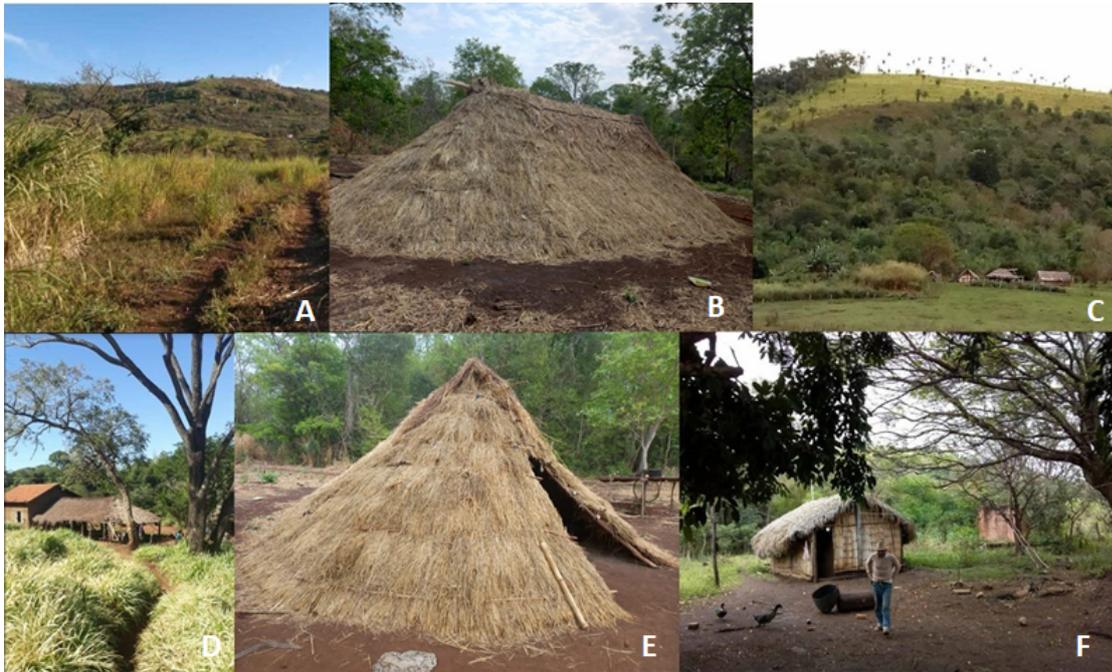


Figura 2: (A) Entrada da Aldeia Pirakua, município Bela Vista, Mato Grosso do Sul, Brasil. (B) Moradia tradicional kaiowá (vista posterior). (C) Remanescente florestal da aldeia Pirakua. (D) Vista da chegada à residência de uma família de Pirakua. (E) Moradia tradicional kaiowá (vista anterior). (F) Morador da aldeia Pirakua em sua residência. Crédito: Zenildo Gomes.

A história do povo Kaiowá da Aldeia Pirakua é repleta de lutas, e esse *tekoha* (território originário) foi identificado em 1985, demarcado em 1986 e homologado em 1992, sendo a primeira terra onde a luta e resistência do povo Kaiowá obteve resultado.

Essa vitória se deve à auto-organização desse povo na luta pela retomada territorial desde 1925, época em que ocorria o processo de isolamento das famílias em pequenas áreas ou reservas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Assim, esta comunidade conseguiu permanecer na parte de mata fechada, no fundo da fazenda que usurpou suas terras, até início da década de 1980, quando foram encontrados por *Tupã-y* Marçal de Sousa, grande liderança indígena, que na época trabalhava na FUNAI como enfermeiro, e morava na aldeia Campestre.

Tupã-y, junto a outras lideranças locais, passaram a se organizar e resistir bravamente contra a pressão feita pelos fazendeiros, que pressionavam a comunidade a abandonar as terras, para que assim eles pudessem ocupa-las. No entanto, a comunidade se mobilizou gradativamente e construiu um consenso para defender com toda força a permanência no território, quanto então o território tradicional foi retomado (PEREIRA, 2003; NOAL, 2006).

Como fruto dessa luta, a Aldeia Pirakua manteve seu território e hoje é uma das poucas aldeias indígenas em Mato Grosso do Sul que ainda apresenta mata, rio limpo e terra fértil para o plantio. Essa natureza conservada ainda possibilita a caça e a pesca, e essas atividades são de extrema importância para a segurança e soberania alimentar das famílias de Pirakua.

3. Resultados e discussão

3.1. O passado e o presente na formação do caçador Kaiowá: armas, armadilhas e compartilhamento do conhecimento tradicional

A fim de compreender a relação entre o território e a sociobiodiversidade Kaiowá é importante refletir sobre o fato de que esse povo construiu, no decorrer de sua história, conceitos distintos de natureza e, por consequência, da relação entre natureza e seres humanos. Além da profunda interdependência entre o mundo natural, dos vegetais e dos animais, e o mundo dos seres humanos, os Kaiowá entendem a natureza como algo vivo com quem se interage e se estabelece uma constante comunicação, apoiada numa visão cosmológica integradora.

Portanto, sob a ótica dessas populações, não se trata de explorar a natureza dominando-a, mas de interpretar sua linguagem para assim compreendê-la, na certeza de que a sobrevivência da humanidade dependerá muito mais dessa capacidade de compreensão e respeito frente ao mundo natural, do que a vontade de domínio ou transformação (BRAND, 2000).

Nesse contexto, os animais são seres vivos de grande importância no entendimento de mundo pelos Kaiowá de Pirakua, sendo a caça uma atividade de profunda importância para a comunidade. Essa importância decorre da cosmovisão alçada e entrelaçada entre o mundo natural das plantas, animais, água, matas e o mundo espiritual e seus domínios, como exposto pelos entrevistados. Desta forma, na concepção desse povo há uma interação cosmológica/espiritual, harmônica e dependente entre a mata e os seres que lá habitam (BENITES, 2014).

Nesse sentido, devido ao virtuoso estado de conservação do sistema socioecológico local, a caça representa uma atividade de grande relevância na vida e na construção da pessoa Kaiowá, na aldeia Pirakua. Onde mesmo com mudanças significativas no ecossistema local devido ao desmatamento ocasionado pelo agronegócio que avança sob as fronteiras da aldeia e mesmo com as significativas mudanças nos hábitos alimentares dentro dessa sociedade indígena, a atividade cinegética é ainda praticada e isso faz com que não haja tanta dependência do consumo de carnes industrializadas.

A partir da imersão no universo da caça no mundo Kaiowá, registramos a narrativa das lideranças tradicionais, da aldeia Pirakua, acerca de suas reflexões e impressões sobre os animais e a cultura da caça. As narrativas são apresentadas pautadas em dois tempos históricos: o antigamente, quando o modo de existir de forma tradicional não estava em contato tão próximo ao modo de vida dos não indígenas; e o atualmente, onde o *karai reko* (modo de vida dos não indígenas) afetou profundamente o modo de se organizar e na cultura tradicional Kaiowá.

Antigamente, de acordo com as lideranças tradicionais, os caçadores da aldeia Pirakua, eram os homens que passaram pelo processo de treinamento praticado pelos seus pais na infância e adolescência (entre 10 a 16 anos). Nessa idade, os meninos já estavam aptos e eram incentivados a sair para a caçada para aprenderem tudo sobre o universo da caça. Era nesse período que os meninos aprendiam as regras e as rezas para cada tipo de animal e de cada lugar específico da mata.

88 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

O treinamento era iniciado com ensinamentos básicos sobre a caçada e as regras mais básicas, logo no momento em que os meninos ingressavam como aprendizes e iniciavam as tarefas para se tornar um caçador. De início, o ensinamento da técnica da construção do arco e flecha era a atividade que mais tinha relevância e essa etapa era sempre acompanhada pelos mais velhos, os quais ensinavam aos mais novos aspectos importantes sobre a caça e as armas de caça (Figura 3).



Figura 3: Os arcos, flechas e bordunas construídas durante o processo de formação do caçador Kaiowá da aldeia Pirakua. Crédito: Xiru Karai.

No decorrer do aprendizado, outras armadilhas de caça eram ensinadas para os jovens aprendizes. A planta *mbeguepi* (guaimbê, *Thaumatococcus bipinnatifidum* Schott ex Endl.) tem grande importância na confecção das armadilhas, como *nhuha* e *mondeo*. O *mondeo* é feito com um grande número de pequenas varas de madeira e funciona como uma arapuca (armadilha em forma de gaiola que cai sobre a caça quando desarmada). As pequenas varas são colocadas no caminho dos animais menores, como o tatu, com o objetivo de prendê-lo (Figura 4). Já o *nhuha* é a típica armadilha de laço, que prende o animal pelo pé e o levanta. Funciona se amarrando uma corda em um galho flexionado e prende-o, de modo que, quando o animal tentar retirar a isca posta no centro do laço, este é preso por uma de suas patas. Essa armadilha é usada para caçar animais maiores como a anta e o veado.



Figura 4: Armadilha *mondeo* usada na prática da caça pelo povo Kaiowá da aldeia Pirakua.

De acordo com as lideranças tradicionais, os cães domésticos também eram muito usados durante a caçada, no entanto, não se podia perseguir muito os animais de caça com os cães devido ao fato de que seus *jara* (donos, guardiões) não permitiam que se assustasse muito os animais. Com isso, as lideranças orientavam que era extremamente importante buscar somente o que ia consumir e era assim que essas práticas de conhecimento tradicional se mantinham vivas e fortalecidas na comunidade.

Durante o aprendizado e, conforme os treinamentos diários eram realizados testes nos meninos que estavam em ação de aprendizagem. Esses testes tinham a função de estimular os meninos a não desanimarem, visto que passar nos testes de caça era considerado um mérito bastante desafiador para a formação dos meninos kaiowá. Se o aprendiz se dedicasse, treinasse e estudasse bastante, se tornaria um caçador de animais da mata e seria reconhecido pelos Kaiowá. De acordo com as lideranças tradicionais, essa era a forma de transmitir o conhecimento dos mais velhos para os mais jovens, repassando os ensinamentos do segredo da caça. Era também missão dos mais velhos atrair a atenção dos aprendizes, fazendo com que os jovens se tornem curiosos e interessados em participar

De fato, a formação do caçador Kaiowá tem um papel bastante considerável na cultura e na cosmologia desse povo, sendo importante ressaltar que as lideranças tradicionais apontaram para o fato de que ao realizar batismo da criança Kaiowá, o *ñanderu* (rezador) é informado sobre a capacidade de caça do menino batizado. Assim é possível reconhecer já no batismo qual menino será um grande líder da caça e conseqüentemente um grande líder da família e um defensor da sua comunidade.

Por outro lado, as mulheres, desde jovens, aprendem os conhecimentos tradicionais relacionados à atividade cinegética, não podendo ir caçar com homens. É dessa maneira que, segundo as lideranças tradicionais, se formavam os homens caçadores na aldeia Pirakua, de forma que, ao se tornar esposo, o homem já era responsabilizado pela busca de alimentos para a família, passando a chefiar a caça. E era assim que o caçador se formava, não só para exercer a atividade de caça, mas também para treinar os futuros caçadores que iam surgindo.

Em contrapartida no tempo atual, as lideranças tradicionais relataram a dificuldade de se caçar na região por conta da retirada da diminuição da área de seu território tradicional. Essa deterioração dos ecossistemas locais impacta diretamente na formação do caçador kaiowá e na forma de aquisição e compartilhamento de conhecimentos associados ao universo da caça.

As narrativas dos mestres tradicionais revelam que atualmente os ensinamentos culturais sobre a caça são raramente ensinados geracionalmente devido ao fato de que os mais jovens não demonstram interesse em se tornarem caçadores, já que estão mais interessados em outras aprendizagens relacionadas ao mundo não indígena. Dessa forma, os conhecimentos tradicionais a respeito da caça acabam ficando restritos aos mais velhos.

Isso não significa que atualmente os homens não vão mais à caça, no entanto essa prática, juntamente com a pesca, é realizada majoritariamente nos dias de descanso, como nos finais de semana ou em feriados, já que atualmente a maioria dos homens da aldeia trabalham em empregos formais e informais dentro e fora da aldeia. Por conta de toda alteração nos costumes da prática tradicional da caça, os homens de hoje já incorporaram outra dinâmica à prática da caça, como o uso de veículos e de armas de fogo.

Ainda em relação às mudanças culturais, de acordo com as lideranças locais, são raras as famílias que ainda caçam com cachorros, como era feito antigamente. Nos dias de hoje, a caçada com cães não é mais possível, visto que a pastagem de gado que rodeia toda a aldeia faz como que os cães se distraiam durante caçada.

Outro fato relevante é a consciência plena em relação ao roubo de seus territórios e à consequente degradação ambiental de suas terras. É claro para os mestres tradicionais que os *karaí* (não indígena) estão destruindo e acabando com a mata ainda presente, com o intuito de fazerem mais lavouras. Também fica evidente pelas reflexões dessas lideranças que esse modo de viver dos não indígenas trará mais doenças que terão consequências desastrosas para toda a humanidade. No entanto, os mestres tradicionais deixam evidente que nessa imensa dificuldade a saída está na auto-organização do povo, a fim de buscar estratégias específicas para sobreviver em meio a esses ataques sistematizados aos sistemas socioecológicos dos Kaiowá de Pirakua.

De fato, a negação e a consequente degradação do território Kaiowá pelo avanço do agronegócio na região vêm gerando um desequilíbrio nas relações entre o mundo dos seres humanos e da natureza, desequilíbrio esse atribuído pelos indígenas tanto aos problemas decorrentes da superexploração das riquezas naturais, quanto à dificuldade na relação com o mundo sobrenatural.

Se as atividades de colheita, caça e pesca não geram mais a produção esperada, sob a visão de muitos Kaiowá, é resultado, tanto da degradação ambiental à qual estão submetidos, além das mudanças ocorridas no que tange, especialmente, às suas práticas religiosas e espirituais. Portanto, a relação com os animais e as plantas, bem como a recuperação das riquezas naturais, estão estritamente associadas à prática da cultura. A relação equilibrada e harmônica com a natureza demanda uma relação igualmente harmônica com os deuses (BRAND, 1998; PEREIRA, 2010).

Assim, entre os Kaiowá é recorrentemente destacada a crescente perda da qualidade de vida, principalmente nestas últimas décadas, o que é atribuído de forma direta ou indireta ao extremo contato com a sociedade não indígena. Esta situação está

91 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

intimamente associada à perda brutal do território e a consequente escassez dos recursos naturais nos territórios tradicionais. Assim, as pequenas áreas de mata, atualmente, não são capazes de ofertar as riquezas naturais, de forma que a caça, a pesca e os itens coletáveis estão cada vez mais escassos. Em muitas aldeias o solo está empobrecido, a coivara (técnica agrícola tradicional indígena) é impraticável e, pela pouca oferta, a pesca torna-se uma atividade isolada ou até impossível de ser feita (VIETTA, 1997).

O esgotamento das riquezas naturais no interior das terras indígenas é explicitado pelos Kaiowá, a partir do momento em que reduz a produção nas roças, além de apurarem que sua tecnologia tradicional não tem tido êxito (BRAND, 2004). No entanto, algumas famílias tentam recompor seus lotes, principalmente no entorno das casas, formando sistemas agroflorestais semelhantes aos locais onde habitavam, como forma de amenizar os impactos ambientais e a insegurança alimentar.

Assim, de acordo com as lideranças tradicionais, os caçadores são as pessoas que mais conhecem a região da mata e os animais, bem como os locais onde estes podem ser encontrados. Em decorrência do contato com a sociedade não indígena envolvente, os Kaiowá, atualmente, consomem alimentos diferentes de sua tradição, e essa fato modificou alguns de seus hábitos alimentares. Nesse sentido, a carne de animais silvestres deixou de ser a única fonte de proteína animal, uma vez que existem alternativas alimentares como carne de gado, suína e aves.

Também é importante refletir que a degradação ambiental provocada pelo modelo de agronegócio imperante na região, tem feito com que as riquezas naturais, imprescindíveis à vida dessa comunidade, estejam ficando cada vez mais escassas. O desmatamento forma uma paisagem altamente fragmentada, o que representa grande ameaça à biodiversidade. Devido à alta densidade demográfica, fruto dos aldeamentos forçados, as riquezas naturais ficam progressivamente mais escassas, sendo difícil replicar as práticas milenares de pesca, caça e cultivo (PEREIRA, 2010).

Nessa perspectiva, as narrativas apontam para o fato de que a espoliação de seus territórios ocasionada pelo colonialismo e pelo agronegócio imperante na região tem afetado drasticamente a reprodução do modo de existir Kaiowá. O desmatamento e o envenenamento do território pelos agrotóxicos provenientes das lavouras que tem de instalado gradativamente no entorno da aldeia é uma preocupação constante das lideranças tradicionais, assim como as leis federais que são construídas e determinadas sem o envolvimento da população tradicional.

A nossa sobrevivência depende do bem-estar da natureza e da preservação da natureza, porque dela que nos mantemos vivos e tiramos nosso sustento alimentar e espiritual para seguirmos em frente nessa luta grande contra os invasores dos territórios indígenas. Nossos parentes Guarani e Kaiowá encontram-se confinados não podendo ter o direito de caçar e pescar porque seus territórios estão em conflitos com fazendeiros. Além do mais com a lei aprovado para não matar animais silvestres dificulta mais ainda essa prática da caça e pesca, com essa lei os indígenas caçadores perdem a liberdade e habilidade de buscar seu sustento para a família, porque se sentem ameaçados e com medo, já que podem serem pegos pela polícia ambiental (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, março de 2021).

3.2. Os animais de caça

92 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

De acordo com as lideranças tradicionais, o animal mais caçado e apreciado pelos caçadores são anta (*mborevi*), cateto (*kurei*), queixada (*tanhykati*), tatu (*tatu*) e o veado (*guasú*), sendo somente estes cinco animais caçados e usados na alimentação citados na aldeia Pirakua (Tabela 1).

Tabela 1. Animais caçados e usados na alimentação Kaiowá da Aldeia Pirakua, Bela Vista, MS.

Animal (<i>nome em kaiowá</i>)	Classificação Biológica
anta (<i>mborevi</i>)	<i>Tapirus terrestris</i> L.
cateto (<i>kurei</i>)	<i>Dicotyles tajacu</i> L.
queixada (<i>tanhykati</i>)	<i>Tayassu pecari</i> Link
tatu (<i>tatu</i>)	Dasypodidae
veado (<i>guasú</i>)	Cervidae

Segundo as lideranças tradicionais, a carne do cateto (*kurei*) (Figura 4) é a carne de caça mais comum nas refeições dos Kaiowá na aldeia Pirakua, antigamente e atualmente. Essa carne compõe um prato tradicional, acompanhada de farinha de milho e mandioca (*hui*).

A carne da queixada (*tanhykati*) também faz parte de pratos tradicionais do povo Kaiowá de Pirakua, porém devido à diminuição do território tem se tornado cada vez mais raro encontrar esses animais na caçada. O fato de serem bastante agressivos e o comportamento de andarem em bando a procura de alimentos faz com que a caça desse mamífero seja dificultada, segundo as lideranças Kaiowá.



93 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

Figura 4: Cateto -*kurei*- (*Dicotyles tajacu*) caçados pelos Kaiowá da aldeia Pirakuá.

Já a carne da anta (*mborevi*) era antigamente e ainda é hoje a preferida entre os Kaiowá de Pirakua. Esse animal é muito apreciado pelos caçadores e pelas famílias Kaiowá da aldeia Pirakua. Assim, a caçada da anta significa para a comunidade *soò guasu* (carne para todos), já que esse mamífero é um animal de grande porte e sua carne é capaz de alcançar todas as famílias pertencentes à aldeia.

O tatu é um animal bastante consumido no dia a dia até os dias atuais, sendo na maioria das vezes o primeiro animal que o jovem aprendiz consegue caçar (Figura 5). Já o veado é considerado um animal difícil de se caçar, já que esse animal facilmente se desprende das armadilhas com coices e saltos.



Figura 5: Tatu (*Dasypodidae*) caçado pelos Kaiowá. Crédito: Nandesy Júlia Cavalheira/ Taquara.

3.3. Os ritos culturais associados ao universo da caça

De acordo com as lideranças tradicionais, desde a antiguidade, a prática da caça sempre esteve muito associada à cosmologia e à simbologia ritualística entre os Kaiowá de Pirakua, de forma que essa atividade fazia parte dos preparativos de muitos rituais tradicionais de grande significância para esse povo.

Para nós Kaiowá, era comum praticar a caça em períodos especiais, como na época do *Jerosy* (batismo de milho branco), do *Jeroky Puku* (colheita de milho branco), no *mitã nhemongarai* (batismo de criança) e para espantar o mal espírito da aldeia. Sempre antes das grandes celebrações, os caçadores saiam para praticar a caça (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, junho de 2020).

Nessas ocasiões os rituais eram centrados nas rezas e cantos tradicionais, noite após noite, durando entre cinco a sete dias. Desta maneira, os caçadores Kaiowá de Pirakua

se agrupavam junto a moradores de todas as regiões da aldeia, para que assim pudessem se fortalecer como indígenas guerreiros. Nesses momentos os caçadores eram quem prepara as carnes provenientes da caçada, conforme as regras e a dinâmica da celebração.

Durante esses momentos festivos e ritualísticos, as mulheres também possuíam um papel importante, preparando as comidas tradicionais, como torta de milho (*chipa guasu*), a farinha de mandioca ou milho (*hui*), a polenta de milho (*mbaipy*), a mandioca (*mandiö*), a batata doce (*jety*), e entre outros alimentos que acompanhavam a carne da caça, junto da bebida tradicional kaiowá (*chicha*).

As narrativas indicaram que a prática da caça é uma atividade de grande importância comunitária, onde as famílias deste *tekoha* (território) valorizam a partilha do alimento caçado, fomentando a cultura da reciprocidade e do apoio mútuo entre as famílias, de modo que a política do “dar e receber algo em troca” se mostra bastante relevante. Até hoje quando uma família é bem-sucedida na caça ou na pesca, é comum o compartilhamento da carne dos animais com seus avós e pais, os quais também agradecem oferecendo algum outro alimento em troca.

Desse modo, era de extrema importância o cumprimento das regras relativas ao manejo e ao consumo da carne de caça. Assim, ao abater o animal era recomendado que se tomasse muito cuidado para ocorrer tudo conforme previsto nas regras culturais. Uma das mais importantes regras está relacionada ao manejo do animal, onde era preciso cautela para não machucar o corpo/pele do animal além da pancada ou perfuração e conseqüentemente evitar que o *jara* (dono) ficasse triste. Caso isso ocorresse, haveria um desrespeito a essa regra, e depois de ingerida, a carne faria mal para as famílias que iriam consumi-la.

Na cosmovisão Kaiowá, as plantas e os animais dispõem seus *jara* (donos), espécie de seres místicos, responsáveis por protegê-los e de cuidar de sua reprodução. Esses indígenas responsabilizam os não indígenas pelo desmatamento das florestas, o envenenamento do ar, do solo e da água, como também pelo afastamento dos *jara*. Segundo essa cosmovisão é necessário primeiramente pensar em como trazer os *jara* de volta antes de tentar recompor o ambiente (PEREIRA, 2010).

Exprimindo suas rezas, o rezador alivia a agressividade própria a estes seres denominados genericamente de *jara*, já que estes seres são extremamente zelosos dos espaços e seres sob seus cuidados, predispostos a agredirem os seres humanos que os prejudicarem. Pereira (2016) observa que os mestres espirituais exaltam a importância de saber as razões corretas para conversar com o dono, ou seja o guardião. Dentre eles estão os donos ou protetores da mata (*ka'aguy jara*), dos animais caçados pelos humanos (*so'o jara*) e da água (*kaja'a*).

Assim, durante a prática da caça, as narrativas indicaram a importância do respeito ao rito relativo ao manejo do animal caçado. Desse modo, para evitar que os *jara* se descontentassem existe toda uma técnica de conhecimentos e saberes dos que todos os caçadores devem praticar.

Ao erguer o animal abatido para levar na cabana existe uma técnica específica para dar tudo certo: primeiro quem estiver se responsabilizando pela cabeça (*inhakangue*) deve vir na frente, pois isso simboliza que a carne estará fresca e sem dar trabalho para chegar no determinado lugar, segundo deverá vir a coluna

95 A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA

de espinhal (*lomokangué*), terceira, os braços e antebraços (*ijyvakue*), na quarta as coxas e as pernas (*hetymakue*) e por último as miudezas, isso significará que estarão em segurança e indicará uma boa refeição para as famílias, além disso, que os donos (*jara*) estão felizes (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, agosto de 2020).

Nesse sentido, existem regras específicas para o consumo da carne caçada, de forma que existem algumas partes do animal que só os jovens podem consumir e outras que só os mais velhos podem se alimentar, como é o caso da cabeça de anta (Figura 6.). Entretanto, a importância a benção da carne pela liderança espiritual é fundamental antes do consumo ser realizado

Na cultura Kaiowá quem pode comer a cabeça da anta é somente os mais velhos e velhas da família. Os mais jovens devem comer carne do antebraço e da coxa, e as crianças as miudezas, isso somente após a benção do cacique nas carnes, de forma que sem passar a reza abençoando a carne não se pode ingerir. Isso porque no caminho havia muito *tupichuva* (dono malvado da carne). Então devido a isso o rezador/a deve abençoar primeiro a carne da caça, independente de qual animal for, deve passar pelo processo da benção que chama *omboroy* (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, agosto de 2020).



Figura 6: Cabeça de anta (*T. terrestris*) caçada pelos Kaiowá. Crédito: Ñandesy Júlia Cavalheira/Taquara.

Ainda deve-se convidar toda a vizinhança para comer a carne de caça em coletividade, não podendo realizar o convite de forma restrita, já que regra determina que não se pode maltratar a carne de caça e, por esta razão convidam todos para apreciar juntos.

Ao comer a carne de caça é importante que todos sejam monitorados pelos rezadores e pelos mais velhos da família, para garantir que a refeição ocorra tranquilamente e com segurança. Isso porque os mais velhos vigiarão para que nenhuma criança jogue osso da carne para os cães domésticos ou descartem a carne, porque na regra deve-se juntar os ossos de carne e guardar para depois enterrar com segurança. Assim, a regra será cumprida e os *jara* do animal caçado não vai ficar furioso. Seguindo todas as regras o caçador sempre manterá suas habilidades de caça em forma, no entanto, se acontecer ao contrário, pode haver um desânimo tão grande no equilíbrio da caça no caçador que poderá fazer com que ele não encontre mais a caça tão facilmente, ficar desanimado para caçada e se tornar um péssimo caçador (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, outubro de 2020).

A importância dos aspectos cosmológicos e espirituais na dinâmica da caça é revelada através das técnicas centradas na realização de rezas durante todo o processo de caçada. Assim, a reza tem grande importância não só no manejo da caça e antes do consumo da carne, como também apresenta grande relevância durante o momento da caçada.

Existe uma técnica de reza para o caçador encontrar caça sem ter que ir muito longe na busca, assim, a partir dessa técnica e com ajuda do espírito da caça, os animais serão encontrados o mais próximo de suas casas. Quando isso ocorre significa que o caçador já pediu licença para o dono (*heonde hagua*), ou seja, teve êxito quando pediu para ter sorte na caça (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, julho de 2020).

As narrativas apontam para as mudanças culturais decorrente dos tempos atuais, de forma que na visão desses anciões no tempo antigo se percebia um maior respeito em relação às regras e aos conhecimentos tradicionais relacionadas ao universo da caça Kaiowá.

Antigamente se obedecia às regras, pois sabiam que se no caso de não obedecer, não teriam sucesso na busca de alimentos de caça para as famílias, por isso antigamente (*ymaguare reko*) os caçadores eram mais obedientes, já que valorizavam a importância das regras para manter a alimentação em dia. Mas as mudanças vindas do mundo dos *karaí* foram se aproximando e esses conhecimentos, técnicas e práticas foram se enfraquecendo. Hoje, com o desmatamento da agropecuária e do agronegócio foi espantando os animais de caça, tornando mais difícil a busca de alimentos de caça, que é um dos pratos preferidos dos Kaiowá (liderança tradicional Kaiowá de Pirakua, maio de 2020).

4. Conclusões

Compartilhar conhecimentos com culturas indígenas é de fato agregador e engrandecedor para a ciência convencional e ocidental. A possibilidade de refletirmos o mundo natural a partir de outras visões do mundo faz com que alternativas possam ser encontradas para resolvermos os desafios da humanidade e aumentarmos a qualidade de vida das populações. E este é um assunto urgente já que a vida no planeta tem sido pouco valorizada e os movimentos que eliminam a biodiversidade estão cada vez mais atuantes.

Pelo fato de uma das autoras ser moradora e viver nessa aldeia que apresenta características específicas de conservação da biodiversidade do território, esse lugar foi escolhido para ser o campo desta pesquisa. Soma-se a isso o fato de que este território tem passado por mudanças significativas no estado de conservação da mata adjacente, devido ao agronegócio que começa a avançar sob a fronteira da aldeia.

Consequentemente, em meio a tanta complexidade decorrente da invasão do *karai reko*, os diálogos, os momentos, as reflexões e as vivências na construção desse estudo foram de grande relevância para compreender aspectos bioculturais do povo Kaiowá em relação ao universo da caça. Assim foi possível chegar numa prévia conclusão: as narrativas revelaram a magnífica importância da espiritualidade, centrada na natureza, como meio de construção da visão e interpretação de mundo por esse povo.

Além disso, foi possível refletir que tal leitura de mundo está intrinsecamente associada ao observar, compreender e sentir o mundo natural entrelaçado ao mundo espiritual. Para os Kaiowá, todos os seres vivos são dotados de grande relevância no mundo natural e espiritual, portanto devem ser conhecidos e respeitados.

Por fim, foi possível refletir que a base do conhecimento Kaiowá é empírica, orgânica e holística e que são valiosas as noções sobre aspectos da natureza que envolvem a caça, a ecologia e a conservação ambiental, de modo que o conhecimento é culturalmente passado de geração em geração. Assim, este conhecimento profundo é de suma importância na construção dos conhecimentos universais, já que amplia a possibilidade de entendimento de mundo a partir de outras visões. Desta forma, o grande conhecimento das espécies de plantas, animais e ecossistemas que esse povo possui e a consciência do porquê tudo isso está se acabando são fatores chaves para a conservação dos sistemas socioecológicos desta comunidade.

Diante de um cenário de aniquilação ambiental, insegurança alimentar e necessidade de distribuição de cestas básicas como forma de suprir as carências nutricionais nas aldeias indígenas da região, a alimentação tradicional e a caça podem assegurar às famílias a possibilidade de soberania alimentar, principalmente no que tange ao acesso a proteínas de origem animal.

Desejamos que este estudo contribua com informações acerca dos conhecimentos tradicionais e bioculturais do povo indígena Kaiowá, para que assim possam ser utilizados na construção de processos que pautem a melhoria das relações dos seres humanos com os animais, com a Mãe Terra e com as economias referentes ao bem viver. Neste sentido, almejamos que todas as pessoas tenham clareza sobre a necessidade e a importância do diálogo com os saberes indígenas visando o adiamento do fim do mundo.

5. Agradecimentos

Com coração cheio de alegria e esperança agradecemos a toda a aldeia Pirakua pela experiência adquirida nas vivências e compartilhamento de saberes. *Aguyje!* Obrigada!

Referências –

ALBERT, B. "Situação Etnográfica" e Movimentos Étnicos. Notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, p. 129-144, 2014.

ALBUQUERQUE, U.P; LUCENA, R.; CUNHA, L. V. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: Nupeea, 2010, 19p.

ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S. Desafios e dificuldades associadas as pesquisas etnozoológicas no Brasil. In: ALVES, R. R. N; SOUTO, W. M. S.; MOURÃO, J. (Org.). **A Etnozoologia no Brasil: Importância, status atual e perspectivas**, Recife: Nupeea, 2010, p. 41-55.

BARROS, F. B. Os caçadores do Riozinho do Anfrísio: saberes e práticas culturais entre narrativas e imagens. Muiraquitã: **Revista de Letras e Humanidades**, v. 5, n. 1, p. 152-86, 2017.

BECHELANY, F. C. **Suasêri: a caça e suas transformações com os Panará**. 2017. 316 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília.

BENITES, E.; MONFORT, G.; GISLOTI, L. J. Territorialidades originárias e a cosmologia Kaiowá e Guarani: auto-organização contra o agronegócio, os crimes socioambientais e a pandemia. **Espaço Ameríndio**, v. 15, n. 2, p. 38-59, 2021.

BRAND, A. J. "Quando chegou esses que são nossos contrários"-a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, n. 12, p. 1-31, 1998.

BRAND, A. J. **Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento a "entrada de nossos contrários"**. São Paulo: Conselho Indigenista Missionário; Regional Mato Grosso do Sul; Comissão Pró-índio 2000, 483p.

BRAND, A. J. Desenvolvimento local em comunidades indígenas no Mato Grosso do Sul: a construção de alternativas. **Interações**, v. 1, n. 2, p. 59-68, 2001.

CUNHA, M. C da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Estudos avançados**, v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.

CUNHA, M. C da. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. **Revista de Antropologia**, v. 55, p. 439-464, 2012.

GALLOIS, D. T. Cultura "indígena" e sustentabilidade: alguns desafios. **Tellus**, v. 5. n. 8, p. 29-36, 2005.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C; Silva, S. P. da (Org.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, UNESP/CNPq, 2002. p. 31-46,

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de história**, n. 155, p. 191-203, 2006.

MILNER-GULLAND, E. J. et al. Wild meat: the bigger picture. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 18, n. 7, p. 351-357, 2003.

99 **A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA DA ETNOBIOLOGIA**

UÑoZ, M. G. saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: Leff, E. (Org.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 282-322.

NOAL, M. L. **As crianças guarani/kaiowa: o mita reko na aldeia Pirakua/MS**. 2006. 353f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

PAVÃO, S. et al. Flora medicinal Guarani e Kaiowá: conhecimento tradicional como forma de resistência. **Espaço Ameríndio**, v. 15, n. 1, p. 160, 2021.

PEREIRA, L. M. O movimento étnico-social pela demarcação das terras guarani em MS. **Tellus**, v. 3, n. 4, p. 137-145, 2003.

PEREIRA, L. M. Demarcação de terras Kaiowá e guarani: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial. **Tellus**, v. 18, p. 115-137, 2010.

PEREIRA, L.M. **Os kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado**. Dourados: UFGD, 2016. 196p.

PERES, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazonian forests. **Conservation biology**, v. 14, n. 1, p. 240-253, 2000.

PEREIRA, J. P. R.; SCHIAVETTI, A. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas" Tupinambá de Olivença"(Bahia). **Biota Neotropica**, v. 10, p. 175-183, 2010.

PINTO, M. F. et al. Qual a relação entre etnozootologia e território? **Revista Ouricuri**, v. 3, n. 2, p. 068-088, 2019.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D.; RIBEIRO, B. G (Orgs.) **Suma etnológica brasileira**, v. 1, 1987. p. 15-25.

PRADO, J. H.; COMAR, S. E. **Através do Prestígio: atuação da chefia ameríndia entre os Kaiowá da Terra Indígena Pirakua**. 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Dourados, MS: UFGD, Dourados.

SANTOS-FITA, D.; NARANJO, E.; RANGEL-SALAZAR, J. L. Wildlife uses and hunting patterns in rural communities of the Yucatan Peninsula, Mexico. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 8, n. 28, 2012.

SILVERWOOD-COPE, P. L. **Os makú: povo caçador do Noroeste da Amazônia**. Brasília: Editora da UnB. Coleção Pensamento Antropológico, 1990, 207p.

TOMCHINSKY, B. et al. Publicações Científicas das Etnociências: Caminhos Passados e Futuros. **Ethnoscientia**, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2019.

VIETTA, K. Programa Kaiowá/Guarani: algumas reflexões sobre Antropologia prática indigenista. **Multitemas**, v. 4, p. 68-95, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, n. 2, p. 115-44, 1996.

**100A CAÇA E OS CAÇADORES KAIOWÁ DA ALDEIA PIRAKUA: UMA REFLEXÃO NA PERSPECTIVA
DA ETNOBIOLOGIA**

Recebido em: 29/09/2021

Aprovado em: 03/04/2022

Publicado em: 01/07/2022